

**VESTIDA DE PRETO**  
e outros contos  
de Mário de Andrade



ral de Ruão, O poço, O peru de Natal, O besouro e a Rosa,  
e., Nelson, Conto de Natal, Tempo da camisolinha, Vestida  
poço, O peru de Natal, O besouro e a Rosa, Frederico Paciênc  
de Natal, Tempo da camisolinha, Vestida de preto, O ladrão  
de Natal), O besouro e a Rosa, Frederico Paciência, Caim, Caim  
o da camisolinha, Vestida de preto, O ladrão, Primeiro de Ma  
ro e a Rosa, Frederico Paciência, Caim, Caim e o resto, Piá n  
Vestida de preto, O ladrão, Primeiro de Maio, Atrás da catedr  
derico Paciência, Caim, Caim e o resto, Piá não sofre? Sofr  
eto, O ladrão, Primeiro de Maio, Atrás da catedral de Ruão,  
, Caim, Caim  
meiro de Ma  
o resto, Piá n  
Atrás da cated  
sofre? Sofre,  
ral de Ruão,  
e., Nelson, C  
poço, O peru  
de Natal, Tem  
de Natal) O besouro e a Rosa,  
o da camisolinha, Vestida de preto, O ladrão, Primeiro de Ma  
ro e a Rosa, Frederico Paciência, Caim, Caim e o resto, Piá n  
Vestida de preto, O ladrão, Primeiro de Maio, Atrás da catedr  
derico Paciência, Caim, Caim e o resto, Piá não sofre? Sofr  
eto, O ladrão, Primeiro de Maio, Atrás da catedral de Ruão,  
cia, Caim, Caim e o resto, Piá não sofre? Sofr  
preto, O ladrão, Primeiro  
Frederico Paciência, Caim,  
linha, Vestida de preto, O ladrão, Primeiro de Maio, Atrás  
osa, Frederico Paciência, Caim, Caim e o resto, Piá não sofr  
da de preto, O ladrão, Primeiro de Maio, Atrás da catedral  
Paciência, Caim, Caim e o resto, Piá não sofre? Sofre., Nelsco



Copyright da organização © 2022 by Companhia das Letras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*



Texto estabelecido no projeto que visa à edição fidedigna de obras de Mário de Andrade, desenvolvido no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), valendo-se de documentos no acervo do escritor, organizado na instituição. Responde pelo projeto a Comissão Editorial formada pelos Profs. Marcos Antonio de Moraes, Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez.

*Supervisão editorial* Telê Ancona Lopez

*Organização* Pedro Schwarcz

*Estabelecimento de texto* Aline Nogueira Marques Nicolau

*Projeto gráfico* Retina 78

*Capa* Ale Kalko

*Imagem* Shutterstock

*Revisão* Huendel Viana, Isabel Cury e Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Mário de, 1893-1945  
Vestida de preto e outros contos / Mário de Andrade —  
1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2022.

ISBN 978-85-65771-17-7

1. Contos brasileiros I. Título.

21-56615

CDD-B869.8

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

## Sumário

7	ESTA SELETA
13	CONTOS PARA A SUA COMPANHIA
15	Vestida de preto
26	O ladrão
39	Primeiro de Maio
51	Atrás da catedral de Ruão
76	O poço
96	O peru de Natal
104	O besouro e a Rosa
116	Frederico Paciência
138	Caim, Caim e o resto
147	Piá não sofre? Sofre.
165	Nelson
182	Conto de Natal
186	Tempo da camisolinha
198	Sobre o autor



## ESTA SELETA

Quem, no campo da literatura, edita autores que já se foram é importante fazer de conta que responde a esta pergunta de seu leitor: será que este romance, conto, poema; que estas crônicas estavam mesmo escritos dessa forma? Responder a esta exigência de fidelidade — de fato, o direito à fidelidade — significa buscar o projeto literário que subjaz ao texto e leva às propostas de cunho estético, ideológico e linguístico de seu criador, bem como à contextualização da obra. Supõe, portanto, conhecer o percurso da criação nos manuscritos e em tudo que a circunda — cartas, diários, reportagens, matéria vária que perfaz paralelamente os arquivos dessa criação —, do mesmo modo, nas publicações da obra realizadas durante a vida do autor. As edições fidedignas inclinam-se sobre todas as versões de texto produzidas durante a vida do escritor, localizadas pelos preparadores. Estes se valem igualmente das edições críticas e genéticas, cujo aparato registra e classifica todas as transformações no itinerário da escritura. Beneficiam-se também de outras edições de texto fixado, no propósito de acompanhar o itinerário da escritura e o projeto literário. Os

preparadores de edições são uma espécie de são Tomé — não dispensam a materialidade das versões!

Considerando Mário de Andrade, seus manuscritos compreendem notas de trabalho, versões autógrafas e datiloscritas, bem como versões em exemplares de trabalho quando o novo texto é produto da fusão das rasuras às páginas impressas. O súbito falecimento em 1945, aos 51 anos, não permitiu que Mário ultimasse a escritura de inéditos comprometidos com o elenco das suas Obras Completas pela Livraria Martins Editora. Essas obras inacabadas, em que se flagram flutuação na grafia, lapsos e outras inadvertências, permitem às edições fidedignas e às edições críticas exercer o que Antonio Candido chamou de correção conjectural.

Pois bem, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo possui, em seu patrimônio, o acervo do polígrafo Mário de Andrade devidamente classificado e aberto à consulta. Isto é, livros, periódicos, manuscritos, obras de arte, discos e partituras, um imenso e valiosíssimo repositório de fontes que sedimentam pesquisas. Escavações as quais, junto de outras pesquisas em multiplicadas fontes primárias, têm a capacidade de “fazer a história”, no dizer do mesmo Mário.<sup>1</sup> Proporcionam a história do movimento modernista brasileiro e, dentro dele, a dos documentos que a circunscrevem. A esse amplo e complexo esforço de desvendamento pertence a linhagem das edições fidedignas, críticas e genéticas de obras do escritor que, no Instituto de Estudos Brasileiros, mostram-se atualizadas no âmbito teórico e desenvolvem metodologia.

1. Mário de Andrade, “Fazer a história”, *Folha da Manhã*. São Paulo, 24 ago. 1944. Artigo no rodapé Mundo Musical.



Aqui entra a preocupação ética da Companhia das Letras e de Pedro Schwarcz, em *Vestida de preto e outros contos de Mário de Andrade* na coleção Boa Companhia — divulgar, sem equívocos, as narrativas privilegiadas pela leitura do organizador, associando-se ao projeto editorial do Instituto de Estudos Brasileiros. Na presente seleta, “Vestida de preto”, “O ladrão”, “Primeiro de Maio”, “Atrás da catedral de Ruão”, “O poço”, “O peru de Natal”, “Frederico Paciência”, “Nelson” e “Tempo da camisolinha” vieram de *Contos novos*. “O besouro e a Rosa”, “Caim, Caim e o resto”, “Piá não sofre? Sofre.” foram captados n’*Os contos de Belazarte*; “Conto de Natal” saiu no *Diário Nacional*, em São Paulo, 27 de dezembro de 1931. Assim, a versão fidedigna desses treze contos foi estabelecida, norteando-se pelo entendimento do projeto literário do autor e pela compreensão das etapas da escritura. Nesse escopo, reviu as versões das narrativas nas edições de texto fidedigno dos livros que as recolhem: *Contos novos*, *Os contos de Belazarte* e *Táxi e crônicas no Diário Nacional, 1927-1932*. Essas edições, visando textos fiéis de obras de Mário de Andrade concretizaram-se no IEB, sob a coordenação de Telê Ancona Lopez e a participação de pesquisadores da Equipe Mário de Andrade, da instituição. Aline Nogueira Marques Nicolau, ao lado de Hugo Camargo Rocha, respondeu pelo estabelecimento do texto de *Contos novos*, em 2011, encarregando-se também da edição d’*Os contos de Belazarte*, em 2008. *Táxi e crônicas no Diário Nacional, 1927-1932*, organizado por Telê, veio em 1976. O procedimento editorial, desenvolvido à luz da codicologia, da crítica textual e da crítica genética, confrontou as versões manuscritas com as publicadas durante a vida do escritor.

A fixação do texto em *Vestida de preto e outros contos de Mário de Andrade* imbuíu-se desta declaração do autor em 1927, concernente ao aspecto linguístico de seu projeto literário:

Desde que principiei abrazeirando a minha *literatura*, tomei sempre bem tento nisto: se emprego termos, locuções, sintaxes de povo, não faço *fala de povo* porém literatura, isto é, busco enobrecer na linguagem escrita os monumentos populares. Carece não esquecer que entre linguagem falada e linguagem escrita vai um abismo quase. É lógico que não basto eu para enobrecer modismos populares porém muitos estão fazendo a mesma coisa. Daqui a cem anos os nossos netos saberão o que ficou corrente na língua brasileira.<sup>2</sup>

O intuito de divulgar amplamente os textos de um contista brasileiro renovador promoveu a atualização ortográfica pela norma vigente no país, amparando-se nesta afirmação de Mário de Andrade que se pode datar de 1942 ou 1943, quando ele planeja suas Obras Completas para a Livraria Martins Editora: “A edição deverá obedecer à ortografia oficial brasileira... do momento”.<sup>3</sup> Conser-

2. Observação de Mário de Andrade, em 1927, no seu exemplar da primeira edição de *Amar, verbo intransitivo*, obra impressa com suas economias na Casa Editora Antonio Tisi, São Paulo, naquele ano, volume que conjuga, na margem do texto e espaços em branco, o diálogo manuscrito a tinta do escritor com Pio Lourenço Corrêa, linguista autodidata, primo e grande amigo dele. Nesse exemplar rasurado, a parcela de Mário mostra uma segunda etapa, em 1942-3 (ver Marlene Gomes Mendes “Nos caminhos de um livro”, em Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*. Estabelecimento do texto por Marlene Gomes Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Agir, 2008, pp. 9-17 e Diálogo Mário e “tio Pio”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 36, São Paulo, 1994, pp. 190-243).

3. Determinação do autor em 1942-3, no mesmo exemplar do seu diálogo com Pio Lourenço Corrêa (ver Marlene Gomes Mendes. “Nos caminhos de um livro”, em op. cit., p. 17).

vou, contudo, as formas “si”, “sinão”, “quasi”, “rúim”, “milhor” que, por artifício, se inserem na narrativa oral de Belazarte, certificando, igualmente, a idiosincrasia ortográfica “malestar”, importante para o ritmo da frase, e o advérbio flexionado “meia”. Correções conjecturais tocaram deslizes ocorridos nas versões datiloscritas dos títulos tomados nos *Contos novos*, obra inacabada, e erros na parcela impressa dos exemplares de trabalho compulsados. Ao abordar uma questão de ordem gramatical, recorreu ao Prof. Clóvis Luiz Alonso Júnior, doutorando da Universidade de São Paulo. A Profa. Dra. Lilian Escorel de Carvalho traduziu os trechos em francês do conto “Atrás da Catedral de Ruão”.

*Aline Nogueira Marques Nicolau e Telê Ancona Lopez*



## CONTOS PARA A SUA COMPANHIA

Mário de Andrade (1893-1945) destaca-se entre os construtores da Semana de Arte Moderna de 1922. Polígrafo, além de autor dos romances fundamentais para a literatura brasileira *Macunaíma* e *Amar, verbo intransitivo*, foi musicólogo, etnógrafo e pesquisador incansável do Brasil e de suas manifestações culturais, requintado fotógrafo e também um grande contista.

Nesta antologia, será a sua maestria na arte da prosa breve que poderemos testemunhar. Os contos sobre a infância e a descoberta da sexualidade e do amor mostram seu veio memorialístico e retratam a juventude como um mar de conflitos e epifanias. Os abismos e contradições sociais do país são também motivos frequentes em sua obra e estão presentes em algumas das mais célebres narrativas do autor, como “Primeiro de Maio”.

Perpassando esses e outros temas, o leitor estará diante de um Mário que se debruça sobre as inquietações do amadurecimento dos jovens e do Brasil. Sua linguagem ao mesmo tempo sofisticada e coloquial, “abrasileirada” mas que escapa ao regio-

nalismo, é acima de tudo idiossincrática, e toda a sua riqueza pode ser apreciada em cada sentença desta breve seleção de pérolas literárias.

*Pedro Schwarcz*

## VESTIDA DE PRETO

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre... Depois do amor grande por mim que me brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que frequentava a nossa casa. Como se vê, jamais sofri do complexo de Édipo, graças a Deus. Toda a minha vida, mamãe e eu fomos muito bons amigos, sem nada de amores perigosos.

Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, se acaso nos achávamos juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornavam mais raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto. Aquilo aliás durava pouco, porque logo a criançada chegava. Mas tínhamos então uma raiva impensada dos manos e dos primos, sempre exteriorizada em palavras ou modos de irritação. Amor apenas sensível naquele instinto de estarmos sós.

E só bem mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso. Se a criançada estava toda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincarmos de família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava muito, apesar da idade já avançada para ele. Mas é que na casa de Tia Velha tinha muitos quartos, de forma que casávamos rápido, só de boca, sem nenhum daqueles cerimoniais de mentira que dantes nos interessavam tanto, e cada par fugia logo, indo viver no seu quarto. Os melhores interesses infantis do brinquedo, fazer comidinha, amamentar bonecas, pagar visita, isso nós deixávamos com generosidade apressada para os menores. Íamos para os nossos quartos e ficávamos vivendo lá. O que os outros faziam, não sei. Eu, isto é, eu com Maria, não fazíamos nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safadezas já mas sem tentar nenhuma. Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente que ajuntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador.

Maria fez uns gestos, disse algumas palavras. Era o aniversário de alguém, não lembro mais, o quarto em que estávamos fora convertido em despensa, cômodas e armários cheinhos de pratos de doces para o chá que vinha logo. Mas quem se lembrasse de tocar naqueles doces, no geral secos, fáceis de disfarçar qualquer roubo! estávamos longe disso. O que nos deliciava era mesmo a grave solidão.

Nisto os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro sem fronha que estava sobre uma cesta de roupa suja a um canto. E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instin-



tos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, “pecado” que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disto eu conseguira não pensar até ali, no travesseiro.

— Já é tarde, vamos dormir. — Maria falou.

Fiquei estarecido, olhando com uns fabulosos olhos de imploração para o travesseiro quentinho, mas quem disse travesseiro ter piedade de mim. Maria, essa estava simples demais pra me olhar e surpreender os efeitos do convite: olhou em torno e afinal, vasculhando na cesta de roupa suja, tirou de lá uma toalha de banho muito quentinha que estendeu sobre o assoalho. Pôs o travesseiro no lugar da cabeceira, cerrou as venezianas da janela sobre a tarde, e depois deitou, arranjando o vestido pra não amassar.

Mas eu é que nunca havia de pôr a cabeça naquele restico de travesseiro que ela deixou pra mim, me dando as costas. Restinho sim, apesar do travesseiro ser grande. Mas imaginem numa cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulho de família. Tia Velha, muito ciumenta por causa duma neta preferida que ela imaginava deusa, era a única a pôr defeito nos cabelos de Maria.

— Você não vem dormir também? — ela perguntou com fragor, interrompendo o meu silêncio trágico.

— Já vou, — que eu disse — estou conferindo a conta do armazém.

Fui me aproximando incomparavelmente sem vontade, sentei no chão tomando cuidado em sequer tocar no vestido, puxa! também o vestido dela estava completamente assustado, que dificuldade! Pus a cara no travesseiro sem a menor intenção de. Mas os cabelos de Maria, assim era pior, tocavam de leve no meu nariz,